

Classe média volta a decolar impulsionada pelas economias asiáticas

jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/11/cadernos/empresas_e_negocios/595968-classe-media-volta-a-decolar.html

Empresas & Negócios

conjuntura

AddThis Sharing Buttons

Notícia da edição impressa de 20/11/2017. Alterada em 20/11 às 01h26min

[COMENTAR](#) | [CORRIGIR](#) | [Compartilhar](#)



China (foto) e Índia lideram avanços da classe média global, com mais de 3 bilhões de pessoas

WANG ZHAO/AFP/JC

A classe média no mundo não para de crescer, impulsionada pelo ritmo forte de economias asiáticas em desenvolvimento. Em destaque pelo crescimento veloz, dinamismo econômico e mercados abertos, China e Índia concentram os maiores avanços da classe média global, hoje formada por pouco mais de 3 bilhões de pessoas (ou 40% da população mundial). Até 2024, esse contingente chegará a 4 bilhões - e 70% desse crescimento estará concentrado nesses dois países.

As projeções do economista paquistanês Homi Kharas mostram que antes, em 2020, a maior parte da população global já será de classe média. Em cinco anos, o estrato ganhará 170 milhões de pessoas por ano,

quando deve alcançar seu pico. Hoje, este número gira em torno de 140 milhões por ano. Os dados constam do estudo A excepcional expansão da classe média global - uma atualização (em tradução livre), publicado neste ano por Kharas, pesquisador da Brookings Institution.

No documento, que atualiza projeções de 2010, Kharas aponta para uma bifurcação do fenômeno da classe média global: expansão muito concentrada na Ásia e estagnação em países desenvolvidos e em certas economias emergentes, como a brasileira. Ambos os cenários trazem fortes implicações aos governos, que, por um lado, enfrentam uma massa crescente e, por outro, cidadãos insatisfeitos.

Kharas explica que o comportamento da classe média tem efeitos políticos relevantes, e o crescimento dessa população traz fortes impactos para os governos. Nos países onde o segmento pouco ou nada avança, o sentimento de frustração tem sido uma tônica.

O economista lembra que o pico de expansão da classe média nos Estados Unidos, Europa e Japão foi impulsionado tanto pelo forte crescimento econômico quanto pela expansão de políticas e serviços públicos. "Quando governos não providenciam tais serviços, a classe média fica insatisfeita."

A eleição de Donald Trump, a saída do Reino Unido da União Europeia e o avanço da extrema-direita alemã são fatos frequentemente ligados a este aborrecimento. "Forças políticas conservadoras têm se aproveitado dos sentimentos populistas para fazer resistência às imigrações, e isto também tem a ver com a classe média", exemplifica Kharas.

No Brasil, o principal exemplo dessa insatisfação foram as manifestações de rua que ocorreram em 2013, com uma pauta de reivindicações muito difusa. "O crescimento da insatisfação do brasileiro ocorreu junto do boom da classe média", diz o economista da Fundação Getulio Vargas (FGV) **Marcelo Néri**.

Na avaliação de Kharas, quando se compara o desenvolvimento da classe média no Brasil e nos grandes países asiáticos, nota-se uma diferença fundamental. "Os asiáticos continuaram a abrir seus mercados, dando grande ênfase à educação, permitindo às próximas gerações o acesso ao padrão de vida da classe média", disse.

Segundo ele, diferentemente do que ocorreu no Brasil, os investimentos asiáticos em infraestrutura tornaram sustentáveis contínuos ganhos de renda entre as classes mais baixas. "Lá, as cidades são usualmente bem projetadas para permitir que famílias de classe média baixa tenham acesso a empregos e serviços. Alcançar e sustentar este segmento requer uma série de ações", afirma Kharas, que cita economia pró-mercado, educação qualificada e políticas governamentais como fatores de ampliação da classe média.

Se nesses países a classe média estagnou porque alcançou seu teto, o mesmo não pode ser dito sobre a performance do Brasil. O País, que vivenciou seu boom da classe média dos anos 2000 até 2014, teve retração no número de famílias do segmento C em 2015 em função da recessão econômica. Além disso, projeções mostram que a retomada da classe média será tão ou mais lenta do que a da economia geral brasileira.

Brasil vive uma utopia regressiva



Para Melo, sentimento cada vez mais comum entre as pessoas é de que o passado era melhor

/INSPER/DIVULGAÇÃO/JC

Especialista em liderança e cultura política no Brasil, o professor e cientista político do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper) Carlos Melo não define a classe média brasileira como conservadora ou liberal, mas como reativa. Para ele, o fato de Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro liderarem as pesquisas das eleições de 2018 reflete um sentimento nostálgico da população, descontente com a situação atual.

A classe média brasileira exercerá alguma pressão ou peso nas eleições de 2018?

Carlos Melo - Sim. Quando a classe média se expande, ela tem força e, quando se retrai, não perde essa força. E se, no momento de expansão, era um momento propositivo - em que se olhava para o futuro, o filho entrando na faculdade, arrumando emprego, as famílias trocando de carro -, hoje é reativo. A classe média pensa: "naquele tempo havia emprego, meu filho entrava na faculdade, comprávamos carro e pensa: olha como está hoje". Isto é o que eu tenho chamado de utopia regressiva: o desejo de voltar ao passado, um passado autoritário, pensando nos militares, no Bolsonaro, ou para o passado populista, pensando no Lula, no crédito, nos bons tempos da economia.

E por que isso ocorre?

Melo - Entre os que votam no Bolsonaro, existe um grande contingente de jovens. E é exatamente porque essa parcela da população não viveu os maus tempos da ditadura, não tem conhecimento das questões de um regime autoritário. Eles simplesmente olham para a falta de autoridade, sem compreender o outro lado da moeda, do autoritarismo.

Mas esse contingente não tem um teto de crescimento?

Melo - Esta é a esperança de muita gente. Mas o quanto isso é ou não real? É natural imaginar que, com pouco tempo de televisão, Bolsonaro não dispare na frente. Este seria um processo esperado. Mas, no mundo e no Brasil que vivemos nos últimos anos, nada parece ser natural, previsível e dado. Surpresas podem

acontecer. O que se pode dizer hoje é que essa opção por Lula e por Bolsonaro passa por esta utopia regressiva, a sensação de que o passado era melhor. E isso não é verdade, o presente foi construído pelo passado.

A classe média, além de reativa, é também conservadora?

Melo - Essa classe média que dizem ser conservadora votou no Lula, na Dilma, no Fernando Haddad. Não é nem liberal, nem conservadora, ela reage ao momento econômico em que vive, ao bem-estar ou mal-estar.

O que a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos ensinou ao mundo?

Melo - Quando o Trump ganha a eleição, o Obama é absolutamente sincero. Ele diz: "Se o Trump ganhou a eleição, foi porque aconteceu uma série de fenômenos de que nós não nos demos conta". O Trump era o sintoma de uma transformação que a política tradicional não conseguia compreender, que cria produtividade, mas também cria pessoas bem formadas e desempregadas. Quem elegeu o Trump nos Estados Unidos foi o branco recém-formado e desempregado.

País retomará o patamar de 2014 só em seis anos

Quando morava com os pais, até meados de 2015, Jennifer de Souza, de 22 anos, trabalhava porque queria ajudar a complementar a renda da família, de classe média, que fechava todo mês em torno de R\$ 3 mil. A jovem aproveitou as vagas que surgiram com o boom do setor de serviços e comércio. Até que veio a crise. De dois anos para cá, foram alguns bicos, nada formal.

"Isso é tudo de antes, quando a gente tinha dinheiro. Hoje, não compro nada", diz ela, apontando para os acessórios de prata que usa nas mãos e pescoço. Na casa dos pais, o momento também é outro. O pai perdeu o emprego de motorista, e só a mãe trabalha, com uma pequena banca de açaí.

A linha do tempo de Jennifer é um retrato da economia brasileira. Em 2015 e 2016, as classes D e E engordaram em mais de 4 milhões de famílias. Só daqui a seis anos, em 2023, a classe média terá recuperado o patamar de participação que alcançou em 2014, quando 28% dos lares brasileiros tinham renda mensal de R\$ 2.302,00 a R\$ 5.552,00.

As projeções, realizadas pela Tendências Consultoria Integrada, fazem parte de estudo que analisa a evolução de famílias e renda entre as classes no Brasil até 2026, a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para Adriano Pitoli, um dos economistas responsáveis, o quadro se deve ao fim do crescimento econômico puxado por consumo e pelo setor de serviços. "Este avanço, que empregava principalmente mão de obra pouco qualificada, não tem mais espaço. No médio prazo, provavelmente haverá uma dinâmica mais concentradora de renda."

A previsão é que a classe A recupere os rendimentos mais rapidamente nestes primeiros anos. Enquanto a renda total da classe C vai crescer a uma média anual de 2,3% até 2026, a velocidade entre os mais ricos será de 4,1%, e de 3% para os rendimentos totais. Entre 2003 e 2014, a renda da classe média crescia cerca de 6% ao ano.

Educação não revertida em produtividade, acesso ao crédito encurtado e fraco ambiente de negócios são listados pelo economista **Marcelo Neri** como entraves à retomada do antigo crescimento da classe média. **Diretor da FGV Social, da Fundação Getúlio Vargas, Neri** foi responsável por cunhar o termo "nova classe média", em 2008. "Nossa situação fiscal não comporta um empurrão na classe C por meios tributários", diz. Para **Neri**, o governo precisa enfatizar a necessidade das reformas e se firmar como agente regulador, e não como um órgão que repassa recursos públicos para a população.

Potências asiáticas assumem primeiras colocações no ranking



Kharas destaca influência da crise de 2009 nas perdas globais

/World Bank Photo Collection/Visualhunt/Divulgação/JC

O sucesso das potências asiáticas e a maior disponibilidade de dados sobre estes países, segundo o estudo A excepcional expansão da classe média global - uma atualização, permitiram chegar a dados mais robustos e surpreendentes sobre o segmento. Em 2015, o mercado global da classe média fechou em

US\$ 35 trilhões, 12% maior que o previsto anteriormente. Em 2030, o número pode chegar a US\$ 64 trilhões. Dos US\$ 29 trilhões adicionados até lá, somente US\$ 1 trilhão virá de mais gastos de economias avançadas.

Esse crescimento vai tirar a classe média norte-americana do topo do mercado: o posto será assumido pela China em 2020. Em mais 10 anos, a Índia terá tomado a segunda colocação, colocando os Estados Unidos no terceiro lugar. Com classes médias basicamente estagnadas desde 2009, Europa e América do Norte vão perder gradualmente participação neste estrato.

Em 2015, as duas regiões detinham 35% da classe média global. Terão apenas 21% em 2030. Neste mesmo ano, 65% dos indivíduos com renda média viverão no Pacífico Asiático. Atualmente, a região abriga 45% do segmento de renda.

Além do movimento explosivo que cerca a Ásia, a recuperação mais lenta de economias avançadas pós-crise de 2009 tem forte influência nas perdas de participação e na estagnação da classe média desses países, cujas economias crescem entre 1,5% e 2% ao ano.

"Ela também está achatada entre duas pontas. Tem enfrentado perdas para classes mais baixas, enquanto

alguns tornam-se mais ricos", afirma o economista paquistanês Homi Kharas, pesquisador da Brookings Institution e responsável pelo estudo.

Comentários

AddThis Sharing Buttons

Seja o primeiro a comentar esta notícia

[COMENTAR](#) | [CORRIGIR](#) | [Compartilhar](#)